

1º
2023

UBUNTU:

**Revista
de Ciências
Sociais**

*Conselho Científico da Academia
de Líderes Ubuntu*

Nome da Revista: Ubuntu: Revista de Ciências Sociais

Propriedade: Instituto Padre António Vieira

Periodicidade: Anual

Coordenadores: José Luís Gonçalves e Madalena Alarcão

Revisão: Madalena Alarcão, Marta Marques, Susana Anacleto e Tânia Neves

Design gráfico: Marília Bruno

ISBN: 978-989-35104-0-7

Grafismo e paginação: Pedro Santos

Conselho Editorial desta Edição: José Luís Gonçalves e Madalena Alarcão

Avaliadores/as desta Edição: Ana Forte, Ana Oliveira, Joana Alexandre, Joana Lobo Fernandes, José Manuel Seruya, Margarida Gaspar de Matos, Mariana Reis Barbosa, Mónica Soares e Patrícia Anzini

Revista com arbitragem científica: os artigos são da responsabilidade dos seus Autores e das suas Autoras.

ÍNDICE

- 05 NOTA DE ABERTURA DO IPAV
Rui Marques
- 09 EDITORIAL
José Luís Gonçalves e Madalena Alarcão
- 17 UBUNTU LEADERS ACADEMIES IN SCHOOLS – REPORT
- 35 SEMANAS UBUNTU EM ESCOLAS DE 3º CICLO E SECUNDÁRIO:
Resultados do projeto Academias Gulbenkian do Conhecimento
- 70 À BEIRA DO(S) OUTRO(S) E COM O(S) OUTRO(S):
A estratégia institucional de uma Escola Ubuntu
- 95 UBUNTU NUMA ESCOLA DE SEGUNDA OPORTUNIDADE:
Contributos para a ressocialização de jovens em risco psicossocial
- 131 ACADEMIA DE LÍDERES UBUNTU NA ESCOLA:
Diretora e assistentes operacionais identificam os impactos no Agrupamento de Escolas Professor Agostinho da Silva
- 162 SEMANAS UBUNTU:
Estudo de caso no Agrupamento de Escolas José Régio
- 194 ACADEMIA DE LÍDERES UBUNTU JÚNIOR NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO:
Efeitos em Educadores e Alunos
- 236 SEMANAS UBUNTU NO CENTRO DE REABILITAÇÃO DE GAIA:
Análise dos efeitos percebidos pelos clientes
- 265 “EU SOU (DE NOVO) PORQUE TU ÉS”:
caminhos de resignificação de acontecimentos traumáticos no contexto da Academia de Líderes Ubuntu

—NOTA DE ABERTURA DO IPAV

Rui Marques

No domínio das metodologias inovadoras de educação há, tantas vezes, uma separação excessiva entre o trabalho de terreno e a produção de conhecimento teórico codificado a partir dessa experiência, estruturada com o rigor científico que se exige nos standards de boas práticas de referência. Se se reconhece que, indiscutivelmente, muitos projetos educativos se baseiam em conhecimento de elevada qualidade, mais rara é, no entanto, a produção sistemática de novos contributos para a ciência a partir da prática dessas atividades. Haverá para isso razões ponderosas, desde a escassez de recursos alocados a estes projetos que não permitem ir além da execução das atividades previstas, até à urgência da ação que não é compatível com os tempos da investigação científica, passando também pelas dificuldades de diálogo entre as “linguagens” da prática e da reflexão teórica. Acresce que se isto é válido para dinâmicas de inovação na educação formal, ainda mais o é para projetos de educação não-formal, quase sempre “parente pobre” no mundo educativo, em termos de correlação com a investigação.

Desde o seu início, a Academia de Líderes Ubuntu (ALU) definiu como prioridades relevantes não só a robustez científica das fontes

teóricas que enformam o seu método, como também afirmou a ambição progressiva de ir mais longe, através da capacidade de produzir conhecimento a partir da sua experiência. Não se intimidando por estar no domínio da educação não-formal, procurou constituir um Conselho Científico que acompanhasse, de uma forma sistemática e aprofundada, a dinâmica da sua ação. Contou para isso com a generosidade e a competência inexcedíveis dos seus coordenadores, Madalena Alarcão (Universidade de Coimbra) e José Luís Gonçalves (Escola Superior de Educação Paula Frassinetti), que tão bem dirigiram o esforço de orientar esta publicação, mas também com a riqueza dos contributos de cada um dos seus membros, numa diversidade de áreas científicas que proporcionou uma abordagem multidimensional do trabalho da ALU. A todos e a cada um dos membros deste Conselho, a nossa mais profunda gratidão.

No seio deste Conselho foi-se desenvolvendo uma reflexão continuada ao longo dos anos, que foi ajudando, de uma forma muito significativa, a dar uma forma cada vez mais sofisticada à intervenção da ALU. Naturalmente, foram surgindo desafios de produção científica aplicada (como o que deu origem à obra “*Pilares do Método Ubuntu*”) ou ainda dinâmicas de reflexão coletiva como foi o caso do livro “*Desafios da Educação em tempos de (pós)pandemia: o contributo Ubuntu*”). Por outro lado, no decurso desse processo, foram nascendo diferentes pistas de investigação, muitas delas associadas à vontade de avaliar o impacto do método Ubuntu, para compreender melhor o que se experienciava na Academia. Isso permitiu identificar linhas de trabalho, definir termos de referência e acompanhar a execução de vários estudos, particularmente focados na experiência das Academias de Líderes Ubuntu nas Escolas.

É deste enfoque que nasceu a ousadia de fundar uma revista científica, capaz de plasmar conhecimento produzido em torno das ALU,

que represente um novo patamar neste processo virtuoso de uma prática que se teoriza e de teoria(s) que inspira(m) uma ação madura. Com o apoio sempre presente do Ministério da Educação, e em particular da Direção Geral de Educação, que muito agradecemos, surge então este primeiro número da revista Ubuntu. Aos autores dos textos que publicamos, expressamos a nossa imensa gratidão, bem como de igual modo reconhecemos o enorme profissionalismo e competência à equipa do IPAV, liderada pela Tânia Neves, com que assegurou que este projeto chegasse a bom porto.

Inspirado, na forma e no conteúdo, pelo que deve ser uma revista científica, esta primeira edição da Ubuntu permite-nos continuar a dar passos cada vez mais seguros para uma ação frutífera, que não se esgota no instante em que acontece uma ALU.

Sabemos hoje muito mais sobre o impacto do método Ubuntu, nomeadamente nas Escolas, mas como é próprio destes processos, também sabemos muito mais o que não sabemos e, claro, também não ignoramos que deve haver muito que não sabemos que não sabemos. É essa a maravilha da aventura do conhecimento. Por isso, para a agenda futura não faltam temas para investigar e vontade para publicar o que se for descobrindo e construindo. Este caminho só agora começou.

EDITORIAL_____

José Luís Gonçalves e Madalena Alarcão

É com muita satisfação e entusiasmo que introduzimos a/o leitor/a no primeiro número da *Ubuntu: Revista de Ciências Sociais* que nos dá conta do precioso trabalho colaborativo desenvolvido por um grupo de investigadores que tem a ambição de, a médio prazo e com humildade científica, ajudar a consolidar o Ubuntu como um paradigma educacional diferenciador (inovador?). Este primeiro número da revista representa, pois, o culminar de um conjunto de estudos desenvolvidos ao longo de mais de um ano, sobretudo em escolas portuguesas, mas também em instituições sociais nas quais foram experimentados a filosofia e o método Ubuntu preconizados pela Academia de Líderes Ubuntu (ALU).

Os estudos que agora se publicam foram, maioritariamente, desenhados para compreender os efeitos e impactos que a abordagem da ALU tem nos agentes educativos da Escola, com especial foco nos alunos e nos docentes em cujas Escolas foi implementado o Programa Escolas Ubuntu. Este Programa integra o Plano 21|23 Escola+ desenhado pela Direção Geral de Educação que, na sua Ação Específica 1.6.2, prevê o desenvolvimento de competências sociais e emocionais em alunos do ensino básico e secundário, como uma das

medidas que procura dar respostas à necessidade de recuperação de aprendizagens e de educação para a cidadania.

Neste contexto, a implementação do método Ubuntu e da filosofia que lhe subjaz iniciou-se sempre pela realização da denominada Semana Ubuntu, nas suas diferentes adaptações consoante o nível de ensino dos alunos ou as características dos protagonistas adultos em causa. E, não obstante, constatar-se uma variedade de âmbitos e de objetivos de investigação presentes na diversidade dos estudos que este número publica, estes mantêm uma grande coerência epistemológica entre si, completando-se até. Para ajudar a modelar a tal coerência concorre o facto de haver um referencial teórico-metodológico da ALU que prevê o desenvolvimento de cinco competências socioemocionais dos participantes, nomeadamente o *autocanhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e sentido de serviço*, apoiadas por três dimensões estruturantes: *Liderança Servidora, Ética do Cuidado* (cuidar de si, cuidar dos outros e cuidar do planeta) e *Construção de Pontes*. Sob inspiração do aforismo africano “*eu sou porque tu és; eu só posso ser pessoa através das outras pessoas*”, o método Ubuntu recorre ainda a um conjunto de modelos de referência enquanto líderes servidores, como Nelson Mandela, Martin Luther King ou Malala, entre outros, para impulsionar as crianças e os jovens para uma ação cidadã comprometida com o bem comum e a mudança positiva das comunidades onde se inserem.

Na ombreira da porta de entrada desta edição da revista encontramos o Relatório “*Ubuntu Leaders Academies in Schools*”, de Jennifer Adams, que estabelece um alinhamento entre as cinco competências socioemocionais e as três dimensões da Academia de Líderes Ubuntu e outros modelos de referência internacionais: o modelo CASEL, a proposta da Karanga, o Relatório sobre a Aprendizagem

Social Emocional preconizada pela OCDE. Com o seu olhar externo consegue identificar pontos fortes da Academia de Líderes Ubuntu, levantar algumas questões pertinentes bem como projetar possíveis próximos passos para o desenvolvimento da ALU nas Escolas. Segue-se um conjunto de estudos que procuram, com metodologias diversas, conhecer e discutir os resultados de Semanas Ubuntu realizadas no âmbito do Programa Escolas Ubuntu.

Utilizando um desenho quase-experimental, o primeiro estudo, “*Semanas Ubuntu em escolas de 3º ciclo e secundário: Resultados do projeto Academias Gulbenkian do Conhecimento*”, de Madalena Alarcão, avalia a perceção de alunos e de educadores acerca de um conjunto de competências socioemocionais, em dois momentos (antes e depois da formação) e em dois grupos (grupo de estudo, que realizou a Semana Ubuntu, e grupo de controlo), concluindo pela existência de diferenças estatisticamente significativas para a maior parte das competências estudadas. A satisfação dos alunos com a formação é também muito evidente, ficando demonstrado que o “método Ubuntu – pelos eixos em que se ancora e pelas competências que se propõe trabalhar – encerra um incomensurável potencial na promoção da ressocialização de jovens em situação de risco de exclusão”.

A perceção da importância da Semana Ubuntu, bem como da filosofia e da metodologia que lhe subjazem, na transformação das relações interpessoais e no desenvolvimento pessoal fica claramente expressa no conjunto de quatro estudos de caso, realizados em diferentes agrupamentos.

O primeiro desses estudos, da autoria de Daniela Gonçalves e Júlio Gonçalves Santos – “*À beira do(s) outro(s) e com o(s) outro(s): a estratégia institucional de uma Escola Ubuntu*” – sublinha, a par-

tir de consulta documental e da audição das vozes do diretor do agrupamento e de alunos e educadores que realizaram a formação Ubuntu, a forte adesão da comunidade educativa ao programa Escolas Ubuntu e o seu impacto ao nível da(s) pessoa(s) e da própria escola. Um dos resultados mais sublinhados é o da horizontalidade relacional que a experiência proporciona (“estamos todos no mesmo patamar”), bem como da esperança e responsabilidade que incute (“vestir a camisola Ubuntu significa esperança, um momento marcante para toda a vida e uma enorme responsabilidade”). O Clube Ubuntu é visto como um importante elemento de amplificação e de institucionalização da filosofia Ubuntu no agrupamento escolar.

O trabalho de Elsa Montenegro Marques e de Susana Caires – *“Ubuntu numa Escola de Segunda Oportunidade: contributos para a ressocialização de jovens em risco psicossocial”* – permite perceber, de novo pela voz dos jovens e dos educadores, a intensidade da experiência Ubuntu, o ambiente de “forte identificação afetiva” e “linguagem comum” que proporciona. De acordo com as autoras, a Semana Ubuntu parece ter um enorme potencial na promoção da ressocialização destes jovens em situação de risco de exclusão que puderam relacionar-se com “educadores que ultrapassam, em larga medida, a função tradicional do professor”, jovens que se olharam e sentiram olhados como pessoas que têm história(s) e “muitos outros papéis para além do de alunos”, jovens que refletiram sobre si mesmos e se permitiram aprender dos colegas. O alargamento da Semana Ubuntu a toda a comunidade educativa e a continuidade da experiência é um aspeto destacado por vários participantes.

No estudo de caso de Susana Fonseca – *“Academia de Líderes Ubuntu na escola: Diretora e assistentes operacionais identificam impactos no Agrupamento de Escolas Professor Agostinho da Silva”* – a redescoberta pessoal (autoconhecimento), as transformações pessoais e

profissionais (olhares mais atentos, preocupação em compreender o outro, mudança na forma como de interagir com os alunos, maior facilidade no trabalho em equipa), a valorização do papel profissional e a integração dos cinco pilares do método Ubuntu no projeto educativo do agrupamento são alguns dos aspetos mais sinalizados pelos participantes. A experiência Ubuntu foi percebida como permitindo “dar importância” à pessoa, a si e ao outro, como algo que “vai muito para além do que se vive nos cinco dias da Semana”, sendo “unânime que o projeto Ubuntu deve ter continuidade e (...) ser alargado para chegar a mais pessoas, ou mesmo a todos”.

O último estudo de caso, conduzido por Fernando António Trindade Rebola e Luísa Maria Serrano de Carvalho – “*Semana Ubuntu: Estudo de caso no Agrupamento de Escolas José Régio*” – traz a voz de educadores e alunos que fizeram a formação Ubuntu, de encarregados de educação destes alunos, de elementos da equipa do IPAV, da diretora, mas também de outros elementos da comunidade educativa que não participaram na Semana Ubuntu. De uma forma geral, pode dizer-se que estas vozes se junta às anteriores na afirmação do carácter diferenciador da experiência Ubuntu, da forma como permite desenvolver competências socioemocionais e transformar as relações, nomeadamente as relações alunos-professores, de como trabalha valores. Os encarregados de educação falam de uma maior motivação dos filhos em relação à escola. O apelo à continuação do projeto, pela realização de mais Semanas Ubuntu e continuação do Clube Ubuntu surge claramente como sugestão de diversos participantes.

O artigo “*Academia de Líderes Ubuntu Júnior no 1º ciclo do Ensino Básico: Efeitos em Educadores e Alunos*” da autoria de Fernando Rebola, Isabel Cláudia Nogueira, João Gouveia, José Luís Gonçalves, Luísa Carvalho e Susana Fonseca, estuda os efeitos da experiência da ALU

Júnior no seu primeiro ano de implementação, isto é, a adaptação da Semana Ubuntu dinamizada com crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Foram aplicados diversos instrumentos de recolha de dados a um conjunto alargado de protagonistas – testemunhos de educadores, entrevistas a crianças, análise de painéis de bordo diários das crianças e avaliação de impacto a educadores – cujos resultados apontam para uma apreciação global muito positiva do programa e das suas potencialidades. Realça-se, ainda, uma das conclusões do artigo quando este destaca “a convergência das competências promovidas pela ALU Júnior com aquelas previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, assim como dos temas de pendor humanista que encontram um alinhamento com a Cidadania e Desenvolvimento enquanto área de trabalho transversal a promover no 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

A educação escolar, na maior parte das vezes, ainda é unidimensional e excessivamente focada na aquisição de conhecimentos / competências individuais e não tanto na construção da pessoa inteira na sua relação com os outros e o mundo. O que a ALU e o seu método permitem, tal como foi possível constatar, é consciencializar que existem muitas outras formas de saber e descobrir e que, sendo o conhecimento cognitivo limitado, a educação socioemocional tem um papel cognitivo e social determinante, além de fomentar a construção da razão cordial que permite entender a humanidade a partir das relações. O percurso pedagógico e metodológico da ALU proporciona abordagens participativas, experienciais e relacionais com os educandos que os habilita a atribuírem significado ao que é vivido. Numa educação holística, da qual o desenvolvimento da dimensão socioemocional é parte integrante, escolher-se uma abordagem pedagógica que faz da descoberta do propósito da vida a mola propulsora da aprendizagem parece ser uma proposta que faz sentido para os diferentes elementos da comunidade educativa.

A revista termina com duas outras investigações realizadas em espaços e com participantes distintos.

O artigo “*Semanas Ubuntu no Centro de Reabilitação de Gaia: Análise dos efeitos percebidos pelos clientes*”, de Madalena Alarcão, apresenta os resultados dos efeitos da Semana Ubuntu em clientes do referido centro, nomeadamente ao nível da resiliência, empatia, sentido de vida, bem como da sua perceção acerca do impacto da formação e satisfação com a metodologia Ubuntu. Os clientes do centro são pessoas que, por doença ou acidente(s), foram fortemente desafiados vendo-se, de um dia para o outro, com limitações e dificuldades com impacto na sua vida pessoal, familiar e profissional, potenciando o Centro de Reabilitação Profissional de Gaia (CRPG) a sua reabilitação, nomeadamente ao nível profissional. Numa investigação quantitativa e num desenho que compara resultados pré e pós realização da Semana Ubuntu, foi possível constatar que estes participantes ficaram muito satisfeitos com a Semana Ubuntu e se percebem, 15 dias após a formação, como mais autoconfiantes, com maior autoconhecimento, mais resilientes, mais empáticos, com mais vontade de colocar-se ao serviço do outro, mais tolerantes e capazes de perdoar e resolver conflitos e com mais esperança, evidenciando o potencial da metodologia Ubuntu e a sua articulação com a visão e os objetivos de trabalho do CRPG.

Marta Marques, no seu trabalho “*Eu sou (de novo) porque tu és: caminhos de resignificação de acontecimentos traumáticos no contexto da Academia de Líderes Ubuntu*”, investiga e discute o papel da ALU na adaptação ao trauma, a partir das experiências de resignificação que a mesma estimula e proporciona. Neste estudo exploratório, com base em entrevistas, *focus-group* e diários sonoros e tendo como participantes elementos do Conselho Científico da ALU,

animadores e participantes de ALU, a autora conclui que o processo de mudança é essencialmente individual, com reflexo na forma como a pessoa se vê a si própria e como se relaciona com os outros, no modo como olha para os acontecimentos negativos e traumáticos e os ressignifica ou não. Este processo de mudança parece ser influenciado por características do próprio participante e pela consciência que tem do próprio acontecimento traumático. A autora sublinha a importância de o processo de ressignificação poder ser realizado, de forma sustentada, até ao fim, podendo exigir uma continuidade para além desta experiência formativa, para que em situações mais complexas, não ocorra uma possibilidade de desintegração da pessoa.

Convidamos os nossos leitores a desfrutarem dos estudos que este primeiro número da *Ubuntu: Revista de Ciências Sociais* nos oferece, pois, os resultados que apresentam confirmam a vocação humanista da ALU. Ou, dito de outra forma e nas palavras de John Volmink, “a filosofia Ubuntu tem profundas raízes africanas, mas, (...), estende-se além-fronteiras. Não é sul-africana. Não é portuguesa. A essência do Ubuntu é Ser Humano.”

Academia de Líderes Ubuntu Júnior no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Efeitos em Educadores e Alunos

Academia de Líderes Ubuntu Júnior in Primary School: Effects on Educators and Students

FERNANDO REBOLA¹, ISABEL CLÁUDIA NOGUEIRA²,
JOÃO GOUVEIA³, JOSÉ LUÍS GONÇALVES⁴,
LUÍSA CARVALHO⁵ E SUSANA FONSECA⁶

1) Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre, Portugal, fernando.rebola@ipportalegre.pt, <https://orcid.org/0000-0002-1545-7877>

(2) Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Centro de Investigação Paula Frassinetti, Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro, Portugal, icn@eseopf.pt, <https://orcid.org/0000-0002-6983-1107>

(3) Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Centro de Investigação Paula Frassinetti, Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento da Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal, jgl@eseopf.pt, <https://orcid.org/0000-0001-9461-6858>

(4) Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Centro de Investigação (UI&D/502/FCT) do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, jlg@eseopf.pt, <https://orcid.org/0000-0002-4353-9343>

(5) Instituto Politécnico de Portalegre, Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEP-UE), Portalegre, Portugal, luisacarvalho@ipportalegre.pt, <https://orcid.org/0000-0001-6095-6010>

(6) ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, CIS_ISCTE, Lisboa, Portugal, susana-fonseca@iscte-iul.pt, <https://orcid.org/0000-0001-6618-8278>

Resumo

O artigo que se apresenta resulta de um estudo desenvolvido em torno da Academia de Líderes Ubuntu Júnior. Assumiu como objetivo analisar os efeitos da Academia de Líderes Ubuntu Júnior em 29 escolas Ubuntu do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de Portugal Continental, no ano letivo 2021/2022, contribuindo para a avaliação do método Ubuntu, no seu primeiro ano de implementação. De forma mais específica, procura-se descrever os efeitos da Academia de Líderes Ubuntu Júnior em alunos e educadores (professores, assistentes operacionais, técnicos especializados), com base numa análise detalhada das perceções dos diversos atores da referida academia, no final da Semana Ubuntu.

Em termos metodológicos, recorreu-se à utilização de vários instrumentos e momentos de recolha de dados, tanto junto de educadores como de crianças: foram recolhidos testemunhos de educadores; efetuadas entrevistas a crianças; analisados painéis de bordo (crianças); e realizada uma avaliação de impacto (educadores). Consoante a sua natureza, os dados foram objeto de análise estatística (dados quantitativos) ou de análise de conteúdo (dados qualitativos).

Do cruzamento dos dados resultantes dos diferentes instrumentos de recolha de dados, emergem resultados que apontam para uma apreciação global muito positiva do programa e das suas potencialidades, bem como para o facto de serem evidentes os efeitos (também eles positivos) da Academia de Líderes Ubuntu Júnior, quer junto de crianças, quer de educadores. Destaca-se, junto dos alunos, a promoção de competências no âmbito dos cinco pilares estruturantes das Academias de Líderes Ubuntu Júnior, em particular ao nível da empatia, do conhecimento da filosofia Ubuntu, seguidos da liderança, do serviço e da resiliência. Junto dos educadores evidenciaram-se efeitos a nível pessoal e profissional. Os resultados parecem, por conseguinte, permitir concluir o valor e o mérito do programa Academias de Líderes Ubuntu Júnior.

Palavras-Chave: Academia de Líderes Ubuntu Júnior; competências socioemocionais; 1.º Ciclo do Ensino Básico; programa de intervenção; efeitos.

Abstract: *The presented paper is the result of a study developed around the Academia de Líderes Ubuntu Júnior. It aimed to analyze the effects of the Academia de Líderes Ubuntu Júnior in 29 Ubuntu schools in the primary school (mainland Portugal) in the 2021/2022 school year, contributing to the evaluation of the Ubuntu method in its first year of implementation. More specifically, the aim is to describe the effects of the Academia de Líderes Ubuntu Júnior on students and educators (teachers, operational assistants, specialized technicians), based on a detailed analysis of the perceptions of the various actors of the academy at the end of the Ubuntu Week.*

In methodological terms, several instruments and moments of data collection were used, both with educators and children: testimonies were collected from educators; interviews were conducted with children; dashboards were analyzed (children); and an impact evaluation was carried out (educators). Depending on their nature, the data were subject to statistical analysis (quantitative data) or content analysis (qualitative data).

Cross-checking the data from the different data collection instruments reveals results that point to a very positive overall assessment of the program and its potential, as well as to the fact that the effects (also positive) of the Academia de Líderes Ubuntu Júnior are evident, both among children and educators. The promotion of skills among the students in the five structuring pillars of the Academia de Líderes Ubuntu Júnior stands out, particularly in terms of empathy, knowledge of the Ubuntu philosophy, followed by leadership, service and resilience. With the educators, effects on a personal and professional level were evident. The results seem to conclude the value and merit of the Academia de Líderes Ubuntu Júnior program.

Keywords: *Academia de Líderes Ubuntu Júnior; socioemotional skills; primary school; intervention program; effects.*

Introdução

O desenvolvimento social e emocional das crianças é particularmente relevante para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB). A promoção de competências sociais e emocionais é essencial, pois proporcionam às crianças atitudes mais positivas em relação a si mesmas e aos outros, melhores resultados escolares e um melhor bem-estar (Durlak et al., 2011).

As competências de aprendizagem social e emocional (ASE), de acordo com a *Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning* (CASEL, 2017), englobam cinco domínios: autoconhecimento, autorregulação, consciência social, relacionamento interpessoal e tomada de decisão responsável. Estes cinco domínios abrangem competências tanto intrapessoais, como interpessoais.

Existem na literatura diversos programas de intervenção, em contexto escolar, que adotam a abordagem da ASE. As intervenções de ASE no 1.º CEB, de acordo com Rimm-Kaufman & Hulleman (2015), variam entre as que procuram modificar o ambiente social da sala de aula e as que se focam em promover o desenvolvimento individual dos alunos.

No entanto, os efeitos de programas de ASE, em crianças em idade escolar, variam entre nenhum/pouco efeito a impactos significativos (Goldberg et al., 2019), donde se destacam efeitos significativos

relativamente ao aumento do ajustamento social, emocional e comportamental e à diminuição de sintomas internalizantes. Esta variação dos efeitos pode ser explicada por objetivos pouco precisos ou medidas de avaliação muito gerais.

Para além dos alunos, os benefícios dos programas de ASE são também importantes para os professores (Cefai et al., 2018), onde se evidenciam efeitos como o aumento nas competências pessoais, sociais e emocionais, realização pessoal e satisfação no trabalho e maior eficácia no ensino. Também após a implementação de um programa de educação social e emocional, os professores revelaram maior regulação emocional e maior satisfação e compromisso com o seu trabalho docente (Castillo-Gualda et al., 2017). Assim, as competências sociais e emocionais dos professores podem facilitar e ter um impacto positivo no seu desenvolvimento pessoal e profissional. A importância do apoio da escola, o relacionamento com os pares, com os professores e outros membros da comunidade escolar são fatores decisivos para o desenvolvimento saudável e para o bem-estar das crianças.

Deste modo, foi concebido e implementado um programa de educação social e emocional - a Academia de Líderes Ubuntu (ALU) - que capacita crianças, jovens e educadores, promovendo competências humanas, a construção de pontes e a ética do cuidado, baseado numa metodologia estruturada em cinco pilares - autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e serviço (Gonçalves & Alarcão, 2020). O pilar do autoconhecimento “desafia cada um de nós a conjugar “conhece-te a ti mesmo”, “dá-te a conhecer ao outro” e “conhece o outro”, num processo permanente, numa caminhada a ser feita e refeita (Gonçalves, Fernandes & Rogowski, 2020, p. 28). O pilar da autoconfiança destaca que esta “é um processo essencialmente interno que reflete as nossas crenças e julgamentos sobre a nossa

capacidade de agir, independentemente da tarefa ou contexto” (Oliveira, 2020, p. 56). O pilar da resiliência desenvolve “a capacidade de um indivíduo de sobreviver e se recuperar de experiências difíceis e traumáticas; a capacidade de uma comunidade se adaptar após uma adversidade ou catástrofe” (Forte, Santos & Anzini, 2020, p. 82). O pilar da empatia promove o “sentir COM outra pessoa” (Alarcão & Fonseca, 2020, p. 111), fomentando tanto a componente emocional como a componente cognitiva da empatia. O pilar do serviço abarca a “ação de servir, liderando” – no sentido humano e humanizador que aqui lhe é dado – e resulta, em primeiro lugar, num exercício gratuito e livre de reconhecimento do valor da dignidade humana” (Montenegro & Gaspar, 2020, p. 132).

Apesar de ter sido testada com diversos grupos-alvo, a dinamização da ALU com crianças do 1.º CEB – ALU Júnior – é recente. Torna-se, portanto, pertinente analisar se os alunos desenvolvem as competências que os programas procuram promover, bem como, no 1.º CEB, se os resultados se evidenciam também ao nível do professor e da sala de aula.

Para este estudo, a ALU Júnior¹ (Ubuntu no 1.º CEB) realizou-se entre 15 de novembro de 2021 e 01 de julho de 2022, envolvendo 29 escolas (de todo o país), e contemplou a formação de professores de 1.º CEB (4 dias) e a dinamização da Semana Ubuntu (SU) (5 dias). O núcleo orientador são os três eixos da ALU, a partir dos quais se constroem os cinco pilares e, a partir destes, cinco dimensões – Eu, Eu e o Outro, Eu e os Desafios, Eu e o Mundo, Eu Sirvo. A partir destas dimensões, são trabalhadas temáticas como os estereótipos, a resolução de conflitos, os direitos humanos, a interculturalidade, a igualdade de género, o desenvolvimento sustentável, etc.

1. Para mais informações, consultar o website <https://www.academialide-resubuntu.org/pt>

No dia 1, “Eu”, a SU apresenta a filosofia Ubuntu, promove o autoconhecimento, a autoconfiança e a reflexão sobre as características de um líder Ubuntu. O dia 2, “Eu e o Outro”, aprofunda o conhecimento sobre a filosofia Ubuntu, promove o autoconhecimento e a empatia e explora a construção de pontes. O dia 3, “Eu e os Desafios”, ajuda a superar obstáculos/barreiras, promove a autoconfiança e a resiliência, fomenta a resolução de conflitos, o trabalho em equipa e a cooperação e promove estratégias de regulação emocional. O dia 4, “Eu e o Mundo”, desconstrói estereótipos a partir de histórias de vida, promove o autoconhecimento e a empatia. O dia 5, “Eu sirvo”, promove a resiliência e o serviço, sensibiliza para a prática de Gestos Ubuntu, analisa o compromisso de serviço e motiva para a ação e para a mudança. Esta divisão tem um cariz mais organizacional e de planeamento, já que todos os pilares e dimensões são trabalhados de forma transversal ao longo da semana.

Para a concretização da SU, foram elaborados recursos específicos, que incluem: o Guião, que apresenta de forma breve e lúdica o percurso a ser trilhado por meio da narrativa de uma viagem, bem como os cinco pilares do método Ubuntu, através de linguagem adaptada a este contexto; o Passaporte Ubuntu, para que os participantes registem as suas vivências e descobertas ao longo da SU e que, além disso, auxilia o educador na aplicação das dinâmicas, pois organiza em um único documento as atividades que necessitam de materiais adicionais; os Planos de Sessões, que sistematizam as atividades por meio de um cronograma que auxilia o animador na organização diária e lhe permite uma perspetiva geral daquilo que será desenvolvido; as Dinâmicas de Grupo, cuidadosamente pensadas como um caminho de construção e partilha e que, de uma forma divertida, permitem apresentar e refletir sobre os pilares Ubuntu.

Objetivos

A presente investigação tem como principal objetivo analisar os efeitos da ALU Júnior em 29 escolas Ubuntu do 1.º CEB de Portugal Continental, no ano letivo 2021/2022, contribuindo para a avaliação do método Ubuntu.

Especificamente, procura-se descrever os efeitos da ALU Júnior em alunos e educadores (professores, assistentes operacionais, técnicos especializados), com base numa análise detalhada das percepções dos diversos atores da ALU Júnior, no final da SU. Sendo a primeira experiência ALU Júnior, considera-se que se justificava uma análise aprofundada e uma avaliação do seu impacto junto dos alunos e educadores envolvidos.

Método

Os participantes são educadores e alunos de 29 escolas do 1.º CEB, de norte a sul de Portugal Continental, que participaram na SU durante o ano letivo de 2021/2022.

A investigação assentou na utilização de vários instrumentos e momentos de recolha de dados, tanto junto de educadores como de crianças.

No final das SU foram recolhidos testemunhos de 40 educadores/dinamizadores (gravados, através de registo vídeo e transcritos na íntegra), em discurso livre, sem questões orientadoras. Foram levadas a efeito, no último dia das SU, entrevistas individuais rápidas a crianças (dos terceiro e quarto anos de escolaridade) que participaram nessa experiência de cinco dias. As entrevistas foram conduzidas pelas formadoras da SU e tiveram lugar no espaço-ambiente onde decorreram as atividades, tendo as respostas sido registadas através de áudio (voz) e vídeo (via *webcam*) e, posteriormente, transcritas na íntegra.

Foram entrevistadas 81 crianças (tendo sido consideradas válidas 76 entrevistas), selecionadas aleatoriamente, com base num guião estruturado com quatro perguntas para conhecer a sua opinião quanto a duas dimensões: valorativa (“Como está a correr esta semana?” e “O que gostaste mais desta semana?”); e cognitiva (“O que é que aprendeste?” e “O que é que o Ubuntu significa para ti?”).

Analisaram-se, também, os painéis de bordo de 18 escolas de várias áreas geográficas (uma estratégia integrada na dinâmica da SU, preenchidos diariamente pelas crianças ao longo dos cinco dias das SU, onde registavam o que consideraram mais relevante das atividades experienciadas em cada dia (em cinco áreas distintas, correspondentes aos cinco dias da SU).

Por fim, realizou-se uma avaliação de impacto, em que participaram 61 educadores, através de questionário (*online*, elaborado como Formulário *Google*) de heterorrelato, preenchido no final das SU, com o objetivo de avaliar a evolução do grupo de participantes, comparando o início e o fim das SU. Este questionário incluía a identificação da Escola ou Agrupamento de Escolas, 11 itens relativos aos participantes, no início e no fim das SU (que assim se multiplicam em 22 itens), cada item tendo 10 opções de resposta, numa escala tipo *Likert*, que variava entre “1=Em total desacordo” a “10=Em pleno acordo”. O questionário incluía, ainda, três questões de resposta aberta (“Deixe-nos uma avaliação qualitativa quanto à evolução do grupo”, “Identifique as necessidades do grupo” e “Se desejar, deixe-nos um comentário sobre a experiência do grupo”).

Para a análise dos dados quantitativos (resultantes do inquérito por questionário), recorreu-se ao *software Statistical Package for the Social Sciences*, versão 28.0. Os dados qualitativos (as respostas

livres no inquérito por questionário, os testemunhos de educadores, os resultados das entrevistas a crianças e o conteúdo dos painéis de bordo) foram submetidos a análise de conteúdo, por categorização, com base em grelhas de categorias que emergiram dos dados analisados.

Resultados

Para uma melhor leitura e organização, numa primeira fase, apresentam-se os dados que emergiram da recolha junto de educadores e, numa segunda fase, da recolha junto dos alunos, dando “voz” a cada um destes grupos de respondentes.

As Vozes dos Educadores

Questionários

Ao nível dos educadores, os resultados que se apresentam emergiram da análise dos questionários, bem como dos testemunhos destes, expondo-se primeiro uma dimensão mais quantitativa decorrente da análise estatística (questões fechadas do questionário) e, de seguida, mais qualitativa, fruto da análise de conteúdo (questões abertas do questionário e testemunhos).

As diferenças de média em todos os itens, no início e no fim da ALU Júnior, são estatisticamente significativas, havendo uma melhoria em todos eles (de acordo com o *d* de *Cohen*). No entanto, o item “O grupo conhece a filosofia Ubuntu” destaca-se dos restantes com uma diferença de média, entre o início e o fim, de 6,148 ($d=2,372$). De seguida, o item “Os participantes veem as dificuldades como oportunidades de crescimento. São resilientes” é o que apresenta uma diferença de médias de 3,885 ($d=1,898$). O item “Os participantes têm vontade de se colocar ao serviço dos

outros” apresenta uma diferença de médias de 3,721 ($d=1,959$). O item “Os participantes conseguem colocar-se no lugar dos outros e sentir com eles. São empáticos” apresenta uma diferença de médias de 3,590 ($d=1,953$).

Os itens onde houve um maior efeito (de acordo com o d de *Cohen*), após a ALU Júnior, foram o conhecimento da filosofia Ubuntu, o serviço, a empatia e a resiliência (os 4 itens já referidos), aos quais se seguem, por ordem decrescente, acreditarem nos seus talentos/qualidades, satisfação com ALU, testemunho pessoal, responsabilidade, a pontualidade/assiduidade, futuro com esperança, e, por fim, autoconhecimento.

Tabela 1.
Diferenças de Média para cada item

	Média Início (SE)	Média Fim (SE)	T	D
O grupo conhece a filosofia Ubuntu	3,15 (,296)	9,30 (,110)	-20,239***	2,372
O grupo está satisfeito por participar na Academia de Líderes Ubuntu	8,20 (,209)	9,74 (,102)	-6,815***	1,766
Os participantes conhecem-se bem a si próprios	5,20 (,219)	8,39 (,137)	-17,393***	1,435
Os participantes acreditam nos seus talentos e qualidades	5,20 (,253)	8,44 (,158)	-14,197***	1,786
Os participantes são responsáveis e quando se propõem a fazer algo cumprem até ao fim	5,34 (,253)	8,38 (,178)	-13,603***	1,741
Os participantes são pontuais e assíduos	7,77 (,272)	8,82 (,169)	-4,720***	1,736
Os participantes dão importância ao testemunho pessoal	6,11 (,237)	9,10 (,149)	-13,271***	1,756
Os participantes olham para o futuro com esperança	6,16 (,218)	8,75 (,140)	-12,359***	1,637

*** $df=60, p<,001$

Após a análise da consistência interna dos 11 itens da escala, verificou-se que o *alfa de Cronbach* varia entre 0,911 para o início e 0,923 para o fim, revelando, assim, uma elevada consistência interna. De seguida, procedeu-se a uma análise fatorial exploratória para verificar a dimensionalidade da escala. Na escala composta pelos 11 itens iniciais, observa-se que se atinge os 55,596% da variância explicada quando se extrai 1 fator, sem rotação. Assim, o fator 1 é constituído

por todos os itens apresentados na Tabela 2. Na escala composta pelos 11 itens finais, observa-se que se atinge os 69,332% da variância explicada quando se extraem 2 fatores, sem rotação. Assim, o fator 1 e 2 são constituídos pelos itens apresentados na Tabela 2.

Tabela 2.

Análise Fatorial Exploratória, com 11 itens

	INICIAL	FINAL	
	Fator 1	Fator 1	Fator 2
O grupo conhece a filosofia Ubuntu	,565	,673	,274
O grupo está satisfeito por participar na Academia de Líderes Ubuntu	,489	,621	,611
Os participantes conhecem-se bem a si próprios	,793	,850	-,151
Os participantes acreditam nos seus talentos e qualidades	,808	,880	-,009
Os participantes veem as dificuldades como oportunidades de crescimento. São resilientes	,871	,834	-,365
Os participantes conseguem colocar-se no lugar dos outros e sentir com eles. São empáticos	,870	,857	-,059
Os participantes têm vontade de se colocar ao serviço dos outros	,822	,786	-,073
Os participantes são responsáveis e quando se propõem a fazer algo cumprem até ao fim	,874	,855	-,278
Os participantes são pontuais e assíduos	,453	,406	,411
Os participantes dão importância ao testemunho pessoal	,736	,770	,436
Os participantes olham para o futuro com esperança	,757	,752	-,372

Após a análise dos resultados obtidos, sugere-se que o item “Os participantes são pontuais e assíduos” não seja incluído na escala, pela sua carga fatorial.

Depois da análise da consistência interna dos 10 itens da escala, verificou-se que o *alfa de Cronbach* varia entre 0,919 para o início e 0,933 para o fim, revelando, assim, uma elevada consistência interna.

De seguida, procedeu-se a uma análise fatorial exploratória para verificar a dimensionalidade da escala. Na escala composta pelos 10 itens iniciais, observa-se que se atinge os 59,382% da variância explicada quando se extrai 1 fator, sem rotação, atingindo-se os 74,314% da variância explicada quando se extraem 2 fatores, sem rotação.

Após a análise dos resultados obtidos, sugere-se que o item “O grupo está satisfeito por participar na Academia de Líderes Ubuntu” não seja incluído na escala, pela sua carga fatorial.

Após a análise da consistência interna dos 9 itens da escala, verificou-se que o *alfa de Cronbach* varia entre 0,924 para o início e 0,935 para o fim, revelando, assim, uma elevada consistência interna.

De seguida, procedeu-se a uma análise fatorial exploratória para verificar a dimensionalidade da escala. Na escala composta pelos 9 itens iniciais, observa-se que se atinge os 63,677% da variância explicada quando se extraem 1 fator, sem rotação, atingindo-se os 66,173% da variância explicada quando se extraem 1 fator, sem rotação.

Assim, para os itens iniciais e finais, o fator 1 é constituído por 9 itens do seguinte modo:

Tabela 3.
Análise Fatorial Exploratória, com 9 itens

	INICIAL Fator 1	FIM Fator 1
O grupo conhece a filosofia Ubuntu	,576	,658
Os participantes conhecem-se bem a si próprios	,804	,864
Os participantes acreditam nos seus talentos e qualidades	,808	,878
Os participantes veem as dificuldades como oportunidades de crescimento. São resilientes	,885	,865
Os participantes conseguem colocar-se no lugar dos outros e sentir com eles. São empáticos	,875	,861
Os participantes têm vontade de se colocar ao serviço dos outros	,824	,793
Os participantes são responsáveis e quando se propõem a fazer algo cumprem até ao fim	,876	,870
Os participantes dão importância ao testemunho pessoal	,727	,731
Os participantes olham para o futuro com esperança	,758	,774

Os questionários incluíam, ainda, 3 perguntas abertas (1. Evolução do grupo; 2. Necessidades do grupo; 3. Experiência do grupo), cujas respostas foram submetidas a análise de conteúdo, com base no seguinte conjunto de 15 categorias, que incluem as dinâmicas, os efeitos nos alunos, os efeitos nos educadores e os efeitos na escola.

A categoria 1, “Dinâmicas – potencialidades”, conta com 16 unidades de conteúdo selecionadas. Nesta categoria, os comentários são todos positivos e estão relacionados com aspetos como: a evolução sentida

nas crianças no respeitante à estruturação do seu pensamento e atitudes, o grau de adesão às atividades (motivação), o entusiasmo gerado nas crianças, e as potencialidades do projeto para iniciativas futuras.

A categoria 2, “Dinâmicas – limitações”, conta com 31 unidades de conteúdo selecionadas. As limitações mencionadas alertam, essencialmente, para cautelas quanto a balanços do projeto (a necessidade de mais tempo de maturação e ainda de dar continuidade ao programa, por exemplo, com o Clube Ubuntu). Complementarmente, há referências a dificuldades relacionadas com os espaços utilizados para o desenvolvimento das atividades, com as especificidades destes níveis etários e os condicionalismos que geram e, ainda, com o facto de os diferentes níveis sociais, económicos e culturais dos alunos condicionarem os resultados obtidos.

A categoria 3, “Efeitos Alunos – conhecimento da filosofia Ubuntu”, conta com 16 unidades de conteúdo selecionadas. Os educadores concordam, na globalidade, que os grupos evoluíram na compreensão dos temas, assim como na apreensão dos pilares da filosofia Ubuntu, havendo uma utilização natural dos conceitos-chave Ubuntu no discurso das crianças e evidências a sugerir que será fácil a sua transposição para a prática. Apenas um comentário salienta a necessidade de o grupo necessitar de trabalhar mais o conceito Ubuntu e aplicá-lo.

A categoria 4, “Efeitos Alunos – autoconhecimento”, conta com 9 unidades de conteúdo selecionadas. A quase totalidade dos comentários (8) nesta categoria sugere que houve uma evolução das crianças ao nível do autoconhecimento (apenas um professor refere o autoconhecimento como a principal necessidade do grupo).

A categoria 5, “Efeitos Alunos – autoconfiança”, conta com 8 unidades de conteúdo selecionadas. Dois dos comentários são positivos,

mencionando que as crianças foram ganhando confiança e até “os alunos mais invisíveis” brilharam. No entanto, há 6 comentários a mencionar a autoconfiança como necessidade do grupo.

A categoria 6, “Efeitos Alunos - resiliência”, conta com 6 unidades de conteúdo selecionadas. Para além de um comentário a referir que as dinâmicas sobre “Eu sou porque tu és” promoveram a resiliência, há 5 educadores a considerar que os grupos precisam de aprender a lidar com a frustração e a serem mais resilientes.

A categoria 7, “Efeitos Alunos - empatia”, conta com 41 unidades de conteúdo selecionadas. A empatia é, inequivocamente, o pilar Ubuntu mais mencionado. Dos 41 comentários selecionados, 22 salientam a evolução das crianças no encontro com os outros, havendo menos conflitos, mais serenidade, disponibilidade e menos centragem no “Eu”. Por outro lado, há 19 comentários a referir que é importante trabalhar ainda mais a empatia, de forma a garantir que as crianças ficam mais despertas para os outros.

A categoria 8, “Efeitos Alunos - serviço”, conta com 30 unidades de conteúdo selecionadas. Nesta categoria, incluíram-se os comentários relacionados com disponibilidade/capacidade de negociação, a assertividade, o trabalho colaborativo, a partilha, o conhecimento coletivo e a união. Dos 30 comentários selecionados, 9 são claramente elogiosos no respeitante ao sentido de serviço, havendo 21 comentários a sugerir que é necessário melhorar a cooperação, a partilha de objetivos comuns, a gestão de conflitos nos grupos e combater a competição entre crianças.

A categoria 9, “Efeitos Alunos - responsabilidade”, conta com 8 unidades de conteúdo selecionadas. Nesta categoria, onde se incluíram comentários relacionados com aspetos como pontualidade,

assiduidade, assunção de responsabilidades e cumprimentos de regras, há duas menções positivas (responsabilidade e cumprimento de regras) e 6 educadores a sugerir que se desenvolva mais trabalho no que diz respeito ao estabelecimento e cumprimento de regras.

Na categoria 10, “Efeitos Alunos - liderança pelo exemplo/testemunho pessoal”, não encontramos quaisquer comentários que a pudessem integrar.

A categoria 11, “Efeitos Alunos - outros”, conta com 47 unidades de conteúdo selecionadas. Esta categoria foi gerada a partir de vários comentários relacionados com efeitos gerados pelo programa Ubuntu nas crianças e que não remetessem para nenhum dos pilares estabelecidos. Muitos dos comentários são genéricos, recorrendo a adjetivos para elogiar a qualidade do programa, a evolução do grupo, o crescimento das crianças enquanto pessoas e a satisfação gerada nos educadores pela experiência vivida. Há, no entanto, 12 comentários a mencionar necessidades das crianças, sendo de destacar as questões do foco e da concentração, assim como a da gestão das emoções e da impulsividade.

A categoria 12, “Efeitos Educadores - desenvolvimento pessoal”, conta com 9 unidades de conteúdo selecionadas. Nesta categoria, integrámos os comentários que tinham a ver com os efeitos gerados nos educadores, a título pessoal, pela participação no projeto. Todos os comentários são elogiosos, destacando o privilégio e a gratidão pelo facto de terem participado e descrevendo a sua participação com expressões como “maravilha”, “desafio”, “enriquecimento”, “oportunidade única”, “especial”, etc.

Na categoria 13, “Efeitos Educadores - desenvolvimento profissional” não encontramos quaisquer comentários que a pudessem integrar.

Na categoria 14, “Efeitos Escola - organização do trabalho” não encontramos quaisquer comentários que a pudessem integrar.

A categoria 15, “Efeitos Escola - desenvolvimento do currículo”, conta com 9 unidades de conteúdo selecionadas. Nesta categoria, incluímos os comentários que se relacionavam com as oportunidades geradas pelo programa Ubuntu no enriquecimento do currículo. Dois dos educadores inquiridos consideram que o projeto ALU Júnior tem importância para o contexto educativo, ao torná-lo mais humanizado e apoiando a criação de cidadãos mais responsáveis e empáticos.

Testemunhos

No que respeita à análise de conteúdo dos dados referentes aos testemunhos dos 40 dinamizadores de SU, emergiram três categorias, equacionando a fase prévia à Semana (I. Expectativas), a implementação das atividades ao longo da semana (II. Dinâmicas) e o que da semana adveio (III. Impactos). Refira-se que os educadores/dinamizadores exerciam diferentes atividades profissionais nos agrupamentos de escolas, tendo-se identificado essencialmente professores, mas também assistentes sociais, animadores socioculturais, educadores sociais, psicólogos e assistentes operacionais.

Na primeira categoria, que diz respeito a expectativas antes da implementação das atividades na SU, identificaram-se duas subcategorias (Tabela 4).

Tabela 4.

Categoria I (Expectativas) – subcategorias

Subcategorias	Registos	Dinamizadores
Inquietações	7	4
Motivações	8	7

Considerou-se de grande relevância conhecer as expectativas que os dinamizadores haviam construído antes da Semana em si. Embora o número de referências que se enquadraram nesta categoria seja baixo, importa referir que, na sua totalidade, perfaz 11 dinamizadores (distintos), pelo que mais de um quarto dos indivíduos se referiu a expectativas iniciais relativas à Semana.

Na subcategoria “inquietações”, os registos identificados remetem para o sentimento de alguma ansiedade, antes do início da SU, muitas vezes por falta de apropriação das dinâmicas e do trabalho que seria suposto desenvolver. Ainda assim, também foi possível constatar que, à medida que a semana foi decorrendo, as preocupações iniciais se foram dissipando. A título ilustrativo, apresentamos o testemunho de um dos dinamizadores: “Inicialmente senti que não me tinha apropriado ainda muito bem das dinâmicas e estava muito preocupada com isso. Depois à medida que a semana foi decorrendo, portanto, fiquei mais aliviada porque correu tudo bem”. Um dos indivíduos referiu-se também ao sentimento inicial de apreensão por parte dos próprios estudantes.

Ao nível da subcategoria “motivações”, evidenciou-se o entusiasmo, a motivação por ser uma novidade, mas essencialmente pelos dinamizadores já terem contactado/participado em outras dinâmicas Ubuntu, fosse por via da formação ou do conhecimento da SU noutras níveis de ensino. Também se identificou motivação decorrente dos próprios objetivos da SU: “O que me fez participar neste projeto foi por achar que todas as diretrizes, todos os objetivos do projeto se enquadram perfeitamente nesta filosofia de querermos ajudar as nossas crianças a se transformarem melhores pessoas, a saberem comunicar uns com os outros, a saberem interagir com pessoas”.

A segunda categoria centra-se já nas dinâmicas da própria Semana, definindo-se duas subcategorias (Tabela 5).

Tabela 5.

Categoria II (Dinâmicas) – subcategorias

Subcategorias	Registos	Dinamizadores
Potencialidades	24	17
Apreciação global	41	28

Em quase metade dos discursos dos dinamizadores (42,5%) verificaram-se referências a potencialidades das dinâmicas levadas a cabo durante a SU, remetendo, desde logo, para o envolvimento de todos, evocando de forma particular a adesão e a motivação dos alunos, no decurso da semana. A forma como foi conduzida a semana e em particular o carácter lúdico e dinâmico das atividades, no entender dos educadores, potenciou a realização de muitas aprendizagens por parte dos alunos. Foi também destacado o possível contributo para uma maior tomada de consciência, de crescimento, evolução e transformação dos alunos, decorrente das dinâmicas, designadamente pela intensidade com que foram vividas. Identificou-se também o potencial de se constituir como fonte de inspiração e o desejo de se dar continuidade às dinâmicas Ubuntu, nomeadamente por via do Clube Ubuntu. O testemunho que se segue traduz o potencial enunciado: “A forma como os 5 pilares foram trabalhados através de jogos, de visualizações de filmes, de debates, de reflexões, fez com que a evolução do grupo fosse, na verdade, notória não só ao nível da gestão de conflitos como também na sua negociação”.

No âmbito da subcategoria “apreciação global”, na qual se identificaram registos de 70,0% dos dinamizadores, assinalou-se a adequação e importância da abordagem, o seu carácter profundo e intenso, resultando numa avaliação positiva das dinâmicas/semana. Evidenciou-se também uma riqueza imensa, levando a sentimentos de gratidão e de privilégio por ter sido possível integrarem

estas dinâmicas. A dimensão do desafio de que a semana se revestiu foi também expressa, bem como a qualidade e relevância do apoio prestado pela equipa do IPAV, antes e durante a Semana. Nas palavras de um dos dinamizadores: “Estou aqui para vos dizer que esta experiência foi, na verdade, fantástica, muito enriquecedora em todos os aspetos”.

A terceira categoria incide nos impactos resultantes da participação na SU para: a) alunos; b) dinamizadores; e c) escola.

Ao nível dos impactos para os alunos, foram definidas as oito subcategorias que de seguida se apresentam.

Tabela 6.

Categoria III (Impactos para os alunos) – subcategorias

Subcategorias	Registos	Dinamizadores
Conhecimento da filosofia Ubuntu	10	9
Autoconhecimento	8	7
Autoconfiança	2	2
Resiliência	6	6
Empatia	13	11
Serviço	4	4
Liderança pelo exemplo/ testemunho pessoal	2	2
Outros efeitos	20	17

Conforme se constata, o número mais elevado de registos situou-se ao nível dos outros efeitos, de cariz mais geral ou não enquadrados nos demais efeitos identificados, sendo referidos por 42,5% dos dinamizadores. De entre os pilares da filosofia Ubuntu,

evidenciaram-se as referências relativas à empatia, quer ao nível do número total de registos, quer de número de dinamizadores que o enunciaram (cerca de um quarto dos dinamizadores). De seguida, analisa-se o conteúdo referente a cada uma das subcategorias consideradas na tabela.

Ao nível da primeira subcategoria, o foco foi o do conhecimento, por parte dos alunos, da filosofia Ubuntu, a sua compreensão e apropriação, mas também a aplicação dos pilares e da filosofia, traduzindo-se numa mudança positiva. Como se afirma num dos testemunhos: “(...) viu crescer novos líderes Ubuntu, seguindo o legado de Mandela através de 5 dias temáticos, 5 pilares Ubuntu (...)”.

Nas cinco subcategorias que se seguem, consideraram-se os pressupostos de cada um dos cinco pilares Ubuntu. Na primeira destas (“autoconhecimento”), emergiu a ideia de que a SU fomentou o autoconhecimento, sendo estes processos pouco frequentes para os alunos, tendo conduzido a um melhor conhecimento do próprio e até mesmo a algum crescimento interior.

Na subcategoria “autoconfiança”, destacou-se o facto de as dinâmicas da semana terem contribuído para o aumento da autoconfiança, por parte dos alunos. Nas palavras de um dos dinamizadores: “É incrível ver como é esta aprendizagem que se faz a partir deles ganharem primeiro autoconfiança, acreditarem em si (...)”.

Na subcategoria “resiliência”, evidenciou-se a ideia de que a semana apetrechou os alunos de ferramentas para resolverem os seus problemas/conflitos internos, mas também para serem mais persistentes, terem outro olhar e capacidade de gestão das situações problemáticas, aprendendo a contornar obstáculos e dificuldades.

No âmbito da subcategoria “empatia”, reportaram-se impactos ao nível do aprender a colocar-se no lugar do outro, a refletir acerca do outro. Estas aprendizagens conduziram a que os alunos se tornassem mais empáticos, mais capazes de ver o mundo de outra forma. Como afirmou um dos dinamizadores, “Houve um aluno que até me disse, quando nós perguntámos como tinha sido a SU para ele, ‘Ah foi fantástica! Vi o mundo com outros olhos. Vi o mundo com os óculos mágicos, com os óculos da empatia!’ e todos aplaudiram, portanto, todos partilharam da mesma ideia”.

No que respeita à subcategoria “serviço”, os registos remeteram para o facto de os alunos estarem mais atentos às necessidades dos outros, disponíveis para ajudar quem precisa, servir no que for possível. Destacou-se um maior espírito de equipa e de partilha, por parte dos alunos, e de construção, enquanto agentes de mudança ao serviço da comunidade.

Dois entrevistados referiram-se também, já no âmbito da penúltima subcategoria, à liderança pelo exemplo/testemunho pessoal, partilhando o impacto, junto dos alunos, dos testemunhos, durante a SU, de elementos da comunidade (um assistente operacional e um membro da comunidade não especificado), fazendo menção a histórias de vida que se constituíram como verdadeiras fontes de inspiração, como se ilustra:

“E também gostei muito, do facto de nesta semana ter havido um testemunho, de um senhor (...) que teve um percurso de vida, bastante atribulado (...), começou por um caminho menos bom e que conseguiu dar a volta à vida dele e enveredar por um caminho bom e fazer outras pessoas irem por este mesmo caminho e que haja mais pessoas assim, que sejam exemplos para a sociedade e que inspirem pessoas.”

Na última subcategoria, conforme referido antes, identificaram-se registos de uma parte considerável de dinamizadores, tendo encaminhado para efeitos gerados nos alunos, não enquadráveis, de forma explícita, na filosofia/pilares Ubuntu (subcategorias anteriores). Assinalou-se o despertar de valores, o aprender a gerir as emoções, a revelação e demonstração de competências, tendo sido evidente um crescimento a nível pessoal e interpessoal. Como expressa um dos dinamizadores: “Foi uma revelação ver o crescimento dos pequenitos, porque os mais pequenos dão-se muito mais e partilham, são mais genuínos. Não têm tantos filtros e isso permite-nos trabalhar, de uma forma mais intensa e receber, logo, muitos frutos ainda durante a semana”. Este crescimento fez-se acompanhar de manifestações de alegria, de escuta, de participação e espírito de união. Em termos ainda de outros efeitos, identificou-se a ideia de se ter apetrechado os alunos de ferramentas para o futuro, para fazer a diferença, podendo contribuir para a transformação e para um mundo melhor.

No que concerne aos impactos junto dos dinamizadores, definiram-se duas subcategorias (Tabela 7).

Tabela 7.

Categoria III (Impactos para os dinamizadores) – subcategorias

Subcategorias	Registos	Dinamizadores
Desenvolvimento pessoal	26	20
Desenvolvimento profissional	28	15

Neste âmbito, foram identificados impactos ao nível do desenvolvimento profissional dos dinamizadores, mas também ao nível do desenvolvimento pessoal, destacando-se esta última dimensão, uma vez que foi referenciada por 50,0% dos indivíduos.

Ao nível da subcategoria “desenvolvimento pessoal”, dos registos emerge a ideia de que a semana promoveu processos de autoanálise, de reflexão acerca do “eu”, mas também da relação com o(s) outro(s). Constituiu-se, para os dinamizadores, como uma fonte de aprendizagem de vida e para a vida, de crescimento pessoal. A filosofia Ubuntu foi, assim, entendida como uma filosofia de vida, com reflexos na vida destes indivíduos, traduzindo-se numa experiência e numa mudança positiva. Como sublinha uma das dinamizadoras: “Esta Semana deu-nos a oportunidade, deu-me a oportunidade (...) de ter um desenvolvimento pessoal e de conhecer-me a mim própria”.

A “nível profissional”, última das subcategorias, registou-se o facto de a semana ter contribuído para o enriquecimento dos dinamizadores, apetrechando-os de mais ferramentas, incentivando à implementação de novas dinâmicas na sua atividade profissional e à aprendizagem constante. Fomentou a vontade de se ser melhor profissional, de se conhecer melhor o outro (de forma particular os alunos), de se estar mais atento ao contexto, de se colocar no lugar do outro, de se dar o exemplo, no intuito de que os alunos tenham melhores vidas. Um dos dinamizadores afirmou que “Esta Semana para mim foi uma semana muito especial. Fiquei a conhecer melhor os meus alunos, apercebi-me de coisas que nunca me tinha apercebido até hoje, de alguns sentimentos que estavam escondidos e foi bom”. A Semana apelou, ainda, à mudança de modos de ser e estar, na profissão, impelindo a um espírito de renovação.

No que respeita aos impactos ao “nível da escola”, apenas três dos indivíduos se referiram aos mesmos, centrando-se em questões referentes à organização do trabalho, ao desenvolvimento do currículo e às abordagens pedagógicas.

As Vozes dos Alunos

Os resultados que se apresentam decorrem da análise de conteúdo efetuada aos dados que emergiram das entrevistas às crianças e dos painéis de bordo.

Entrevistas

Como já atrás se referiu, foram levadas a efeito, no último dia das SU, entrevistas individuais rápidas a alunos que participaram nessa experiência de cinco dias.

Relativamente à dimensão valorativa, que visava captar a apreciação dos alunos quanto à experiência que acabavam de realizar através das suas respostas a duas perguntas, da primeira pergunta “Como está a correr esta Semana?”, salienta-se o seguinte: Não se tendo registado nenhuma apreciação desfavorável, a maioria dos alunos (52) apreciou positivamente a SU referindo-se à mesma com expressões como “gostei muito” (12 alunos), “divertida” (10 alunos), “bom” (11 alunos), “fixe” e “bem” (por 6 alunos cada), “adorei” e “muito bom” (2 alunos cada), e “um bocadinho fixe”, “muito gira” e “estou a gostar” (1 aluno cada).

De entre os alunos que desenvolveram os seus discursos, registam-se respostas que podem ser agrupadas tendo em conta cinco possíveis focos de apreciação:

- Apreciação centrada na novidade e diferença experimentada (11 alunos): constituindo a SU uma experiência nova e diferente (1 registo), nunca experimentada na escola (4 alunos), até lamentam que ela termine (2 registos) e pedem que se repita ou se prolongue (2 registos). Também há quem fique satisfeito com a SU porque, desta forma, “não tenho de trabalhar” (2 registos);
- Apreciação centrada nas aprendizagens feitas (9 alunos): a tónica destes respondentes assenta, antes de mais, nas aprendizagens

- genericamente feitas, destacando-se nestas a empatia e a ajuda aos outros, a compressão dos outros e o respeito pelos outros;
- Apreciação centrada nas relações estabelecidas (5 alunos): nestas respostas identificam-se pessoas e grupos que são valorizados como, por exemplo, “conheci uma pessoa nova que eu gosto”, “gostei desta atividade Ubuntu com a minha professora Y” ou “eu gostava que outras turmas tivessem oportunidade de fazer isto, que elas iam gostar!”;
 - Apreciação centrada nas atividades desenvolvidas (4 alunos): nestas respostas faz-se referência às atividades divertidas, diferenciadoras e inspiradoras que foram experimentadas;
 - Apreciação centrada nas emoções que a SU despertou (4 alunos): aqui evocam-se genericamente emoções, salientando-se, entre estas, a felicidade e a alegria.

Relativamente à segunda pergunta “O que gostaste mais desta Semana?”, a esmagadora maioria escolheu identificar e/ou nomear as dinâmicas desenvolvidas ao longo da SU que para si foram mais significativas. Analisando a frequência com que as atividades foram evocadas (e.g. a caça ao tesouro, escrever nas costas, colocar as vendas, a poção mágica, a teia, a linha, etc.), não se regista uma tendência predominante de qualquer atividade. No entanto, pela frequência (20 alunos), será justo realçar a menção da “Caça ao Tesouro” de entre as respostas analisadas a esta pergunta. Vale a pena destacar ainda duas convergências: uma primeira que realça o impacto positivo que os testemunhos de infância, pessoas de referência ou líderes tiveram nos alunos (referidas por 4 alunos) e, uma segunda, a importância que as relações estabelecidas tiveram no sucesso da SU, designadamente, conhecer novas professoras, pessoas, alunos e turma.

Relativamente à dimensão cognitiva, e analisando as respostas à pergunta “O que é que aprendeste?” aplicando-se as categorias

previamente estabelecidas, salienta-se de seguida o que emergiu em cada uma delas. Quanto ao “conhecimento da Filosofia Ubuntu”, seis alunos escolheram responder com conteúdo que se enquadra nesta categoria, evocando, por um lado, que sabiam o significado da palavra Ubuntu (2 registos), conheciam os gestos ou sinais Ubuntu (2 registos) ou mencionando explicitamente os 5 pilares Ubuntu (2 registos). De referir que conhecer a filosofia Ubuntu é, também, aprender que “estamos interligados, a empatia” e “a não ser racista, que todos nós somos líderes de nós, aprendemos a partilhar, aprendemos que nem sempre se pode vencer”, apontadas por 2 alunos.

No “autoconhecimento”, destaca-se o conteúdo de dez alunos cujas respostas se relacionam com esta categoria e pilar do método Ubuntu. Identificam-se duas tendências nas respostas a esta questão: por um lado, aquela que afirma que a SU serviu para “ser uma pessoa melhor” (3 registos), “mais meiga”, “paciente” e “capaz de ouvir com mais atenção”; por outro lado, é notória a menção ao conhecimento dos sentimentos (2 registos) e a gestão das emoções, na medida em que, como referem dois alunos, “aprendemos os sentimentos, o medo, raiva, a felicidade” e a “controlar os sentimentos e também aprendi sentimentos que não sabia que existiam”.

A “autoconfiança” saiu reforçada para seis alunos entrevistados, na medida em que aprenderam a ter autoconfiança e “confiança, a seguir em frente”, a lidar com “elogios, compromissos, fragilidades e muito mais”, a “confiar em mim e a não julgar os outros pela aparência”, a “cuidar mais de mim” e a “ser melhor em várias coisas que não consigo fazer, mas agora já consigo fazer”.

A “resiliência” foi diretamente referenciada por um aluno – “aprendi a ser mais resiliente” – e, indiretamente, mencionada por outro quando afirma que “o mais importante foi que nós não conseguimos

fazer tudo sozinhos, temos de trabalhar juntos e que não podemos desistir do que nós queremos”.

A “empatia” foi a categoria que mais contributos recebeu, com vinte referências diretas ou indiretas feitas pelos alunos entrevistados. Contabilizamos oito referências explícitas à palavra “empatia” e cinco referências a “pôr-me no lugar do outro” e/ou “compreender o outro”. Existem outros sete registos com expressões que implicam uma descentração cognitiva e emocional e que, de forma indireta, deixando subentender o movimento empático, tais como “ter confiança no outro” (3 registos), “quando alguém está triste devo aproximar-me dela” ou “tratar bem os outros, a respeitar, a ser mais simpático”.

O “serviço” constituiu a categoria que diretamente é menos tocada, sendo apenas evidenciada por um aluno quando refere “aprendi muito com o serviço”.

A “liderança pelo exemplo/testemunho pessoal” evidencia-se com dezasseis registos, dos quais onze incluem menções explícitas à palavra “líder” ou “liderança”. Os dois modelos de liderança citados foram Nelson Mandela e Malala (por um conjunto de 5 alunos) e, ainda, as “histórias sobre outras pessoas”. Importa observar que, em oito registos, estas expressões surgem associadas a mudanças pessoais – “aprendi que tenho que ser boa pessoa”, “aprendi a mudar a minha forma” e “sei o que é ser persistente” –, comportamentais – “ser mais amigo dos outros” e “a respeitar os outros” (3 alunos) –, assim como de convicções – “somos todos iguais”.

A “responsabilidade” reveste-se de importância com dezasseis registos. De entre as menções mais significativas, encontram-se como ideias “não devemos julgar pela aparência” (8 alunos), que

não “devo bater nos outros” (5 alunos), mas antes “respeitar os outros” (3 alunos) e ser “boa pessoa” (2 alunos).

À pergunta “O que é que o Ubuntu significa para ti?”, as respostas foram agrupadas, mais uma vez, por similitudes ou convergências em seis unidades de sentido:

- Com foco na frase-tipo e suas nuances explicativas: aqui encontram-se vinte e sete registos mencionando a frase-tipo “eu sou porque tu és” (por 16 alunos) e suas nuances como “tu és porque eu sou” (4 alunos), “não conseguimos viver sem os outros” e “tu me ajudaste e eu te ajudei também”, ou expressões sinónimas de reciprocidade (por 3 alunos) ou, ainda, “tornar-se pessoa” (2 alunos);
- Com foco no conteúdo: neste item enquadram-se quatro registos que mencionam e enumeram explicitamente os 5 pilares do método Ubuntu. Cada uma destas respostas encontra-se bastante desenvolvida, mas nem sempre corretamente e bem articulada;
- Com foco na liderança: contabilizam-se neste item dez registos que evocam o “ser líder” (por 9 alunos) e “cumprir as suas tarefas de líder”. À visão de líder é associada a capacidade de “ajudar os outros” e “deixar-se ajudar” (3 referências);
- Com foco no comportamento pessoal: neste item encontram-se várias opiniões que afirmam que, ser Ubuntu, é “ser bom” (2 alunos), ter “gestos tipo simpático, fazer os outros sorrir, ser corajoso, falar com o coração”, ser “uma pessoa que compreende, ajuda, ser sincero, partilha” e fazer “cumprir as regras, respeitar, arrumar, partilhar, ajudar”, entre outras afirmações similares;
- Com foco na relação empática e de ajuda: tal como referido na análise às respostas da primeira pergunta, ser Ubuntu é identificado por um número significativo de respondentes com uma relação de “empatia/simpatia” (por 8 alunos) e de “ajuda” (12 alunos); e

- Gerador de impacto pessoal: a SU gerou um impacto multidimensional nos alunos com significados vários, expressos como “ponto de alegria imaginária que nós criamos”, “uma fonte de alegria e de felicidade”, “significa paz”, “ser corajoso, simpático”, “ser único e especial”, “transformar numa coisa boa”, “tornar-se uma pessoa melhor” e “ajudar amar e tudo o que há no mundo bom”.

Painéis de bordo

Os resultados emergentes da análise dos painéis de bordo elaborados durante a SU possibilitaram as constatações que se apresentam de seguida. No que diz respeito ao “conhecimento da filosofia Ubuntu”, as três dimensões da filosofia Ubuntu estão presentes num registo único “Líder servidor, ética do cuidado e construir pontes”, ainda que, de modo isolado, mais referências tenham sido explicitadas ora por simples designações – “Ética do cuidado”, “Gestos Ubuntu” (com 4 registos) – ora por frases mais completas, “Servir é ajudar e apoiar os outros”, “Ubuntu – aprende para o que eu sirvo”, “Devemos usar os gestos Ubuntu”, “Devemos praticar os gestos Ubuntu”, “Devemos construir pontes com os outros, não desistir, partilhar emoções e usar os óculos da empatia”, “Lutar pelas pessoas”, “Manter a paz no mundo”, “Defender os direitos das mulheres” e “Proteger a natureza”. Assinale-se, ainda, a menção aos 5 pilares Ubuntu em 4 registos – “5 pilares”, “5 PILARES”, “5 pilares Ubuntu” e “5 pilares –, ao “Serviço”, a evocação da frase “Eu sou porque tu és” (3 registos) e a elaboração “é o que um líder servidor faz – que podemos transformar as nossas fraquezas em potencialidades que devemos acreditar que somos capazes (ter autoconfiança) que devemos ser corajosos que devemos partilhar e respeitar que devemos pensar bem que é importante ajudar os outros”.

O “autoconhecimento” é diretamente explicitado no conteúdo de seis painéis de bordo, mas são numerosas outras referências que se integram nesta categoria, das quais destacamos “Descobri coisas novas sobre mim”, “Cada um é diferente à sua maneira”, “As nossas fragilidades também são úteis”, “Gostei da poção mágica porque aprendi mais sobre mim” e “E conheci-me melhor”. Sobre este pilar Ubuntu e pela sua inclusão em oito painéis de bordo, entendemos importante salientar as seguintes referências à gestão emocional: “É bom ter-se emoções explosivas mas pode tornar-se perigoso!”, “Controlar as nossas explosões das emoções”, “Aprender a controlar as emoções explosivas”, “Controlar as emoções”, “Organizar as nossas emoções”, “Há momentos em que temos de controlar as emoções”, “Controlar as emoções”, “Acalmar os sentimentos antes de agir”, “Termos mais calma” e “Deitar fora a raiva”.

A “autoconfiança” é explicitada de modo direto em registos de seis painéis de bordo, mas a tendência para a expressar revela-se maioritariamente recorrendo a elaborações como “Eu consigo”, “Eu sou capaz”, “Senti-me capaz”, “Confio mais em mim”, “Aprendi a confiar em mim”, “Acredita em ti”, “Acreditar em nós”, “Acreditar”, “Aprendemos a acreditar em nós próprios e que somos capazes de ultrapassar os nossos desafios”, “Enfrentar os nossos medos” e “Ter orgulho no que fazemos”.

A “resiliência” encontra-se patente em numerosos registos dos alunos: além das 3 entradas que a explicitam recorrendo a essa palavra, foram contabilizados mais 37 registos para esta categoria. A menção à superação de desafios e obstáculos é recorrente, com frequência assinalável nos registos efetuados no dia semanal dedicado à exploração desse pilar Ubuntu (12 registos), e, em menor escala, é referida a capacidade de persistência, de que são exemplos “Não desistir” (4 registos), “Nunca desistir” (5 registos), “Nunca devemos desistir do

que acreditamos”, “Nunca desistir dos nossos objetivos” e “Aprendemos que não devemos desistir, devemos ser persistentes”.

A “empatia” foi a categoria que mais contributos recebeu dos alunos, com vinte e cinco registos diretos dessa palavra. São várias as entradas que a traduzem de modo implícito, de que são exemplos “Aprendi a colocar-me no lugar dos outros”, “Calçar os sapatos dos outros” (2 registos), e saliente-se a mobilização do verbo julgar para diversas elaborações que a explicitam: “Não julgar pela aparência”, em 2 registos, e ainda “Não julgar as pessoas pela aparência”, “Aprendemos a não julgar pela aparência”, “Não devemos julgar as pessoas pelo aspeto”, “Não devemos julgar ninguém pela aparência”, “Não julgar ninguém antes de conhecer”, “Não julgar as pessoas pela aparência (não julgar o livro pela capa)”, “Não julgar um livro pela capa”, “Não julgar o outro” e “Não julgar os outros à primeira vista”. Refiram-se ainda registos que indiciam descentração – de que selecionamos “Não pensar-mos só em nós”, “Pensar nos outros” (2 registos), “Saber ouvir”, “Aprender a ouvir os outros”, “Cada um tem a sua forma de sentir as coisas” e “Todos sentimos de maneira diferente” – e uma postura empática, tais como “Pensar no outro”, “Não gozar com os outros”, “Trabalhar em equipa sem discussões e respeitar a opinião dos outros” e “Nunca devemos magoar os outros porque isso deixa marca no ♥”.

O “serviço” encontra-se explicitado pela própria palavra em um único painel de bordo. Esta categoria evidencia-se maioritariamente de modo implícito, relacionada com a disponibilidade – tais como “Ajudar os outros” (5 registos), “Ajudar o próximo”, “Ajudarmonos uns aos outros para atingirmos os objetivos”, “Aprendemos a nos ajudar uns aos outros” e “Ajudar as pessoas mesmo as que não conhecemos” – e com a atitude de partilha – “Partilhar” (5 registos)

e “Importância da partilha”. É ainda de mencionar uma mobilização apreciável dos termos ‘grupo’ e ‘equipa’ – “Trabalho em grupo” (registado em três painéis de bordo), “Trabalho de equipa” (3 registos), “Aprendemos a trabalhar em equipa”, “Trabalhar em equipa” (5 registos), “Espírito de equipa” (2 registos) “Resolver os problemas em equipa”, “Trabalhar em conjunto” e “Mais fácil trabalhar em equipa do que sozinhos”.

Na “liderança pelo exemplo/testemunho pessoal” assinala-se a mobilização das palavras ‘líder’ ou ‘líderes’, com 12 registos. Nelson Mandela é o modelo de liderança mais citado, com 6 registos, seguindo-se Malala, em cinco entradas; Desmond Tutu é referido em dois painéis de bordo e Ghandi e Rosa Parks merecem uma referência cada. Outras histórias de vida são também referidas: “Ouvimos o testemunho da D. Maria, que é uma líder porque dá exemplos”, “Ouvir o testemunho da Ju e ver como ela superou os seus medos e dificuldades – nunca desistir!”, “História da dona Fátima e de Timor” e “A história da professora da aldeia”.

A responsabilidade encontra-se espelhada em 13 registos, com ênfase no cumprimento de regras (5 registos), na assunção de responsabilidades (2 registos) e na pontualidade.

Discussão

Nas respostas dos educadores à avaliação de impacto, emergem como mais relevantes os pilares “conhecimento da filosofia Ubuntu”, “resiliência”, “serviço” e “empatia”. O “conhecimento da filosofia Ubuntu” destaca-se dos restantes, tanto nos resultados da análise estatística como nos da análise de conteúdo aos comentários finais, sugerindo uma mudança positiva, inclusive na aplicação da filosofia. No respeitante à “resiliência”, a diferença entre o início e

o fim da SU coloca-o como segundo pilar mais positivamente avaliado, ainda que os comentários finais não reforcem estes resultados (dos 6 testemunhos, 5 referem que os grupos precisam de aprender a lidar com a frustração e a serem mais resilientes). Por sua vez, o “serviço” surge em terceiro lugar como pilar onde a SU terá gerado mais impacto (diferença entre início e fim), sendo também um dos pilares onde se encontraram mais unidades de conteúdo nos comentários finais (30 menções, sendo 21 referências à necessidade de constituir um pilar a necessitar de reforço e melhoria). Por fim, a “empatia” que, sendo o quarto pilar a conhecer maior diferença entre o início e o fim da SU, foi o que mais unidades de conteúdo originou (41, das quais 22 salientam a evolução das crianças).

Nos testemunhos dos educadores/dinamizadores, por sua vez, identificaram-se algumas inquietações iniciais, que se foram dissipando no decurso da semana. A motivação dos dinamizadores decorria, em grande medida, de já terem contactado com outras dinâmicas Ubuntu. Quase metade dos dinamizadores referiu-se a potencialidades da SU, remetendo para o envolvimento e adesão de todos e a sua maioria efetuou uma apreciação global positiva das dinâmicas da SU. Os dinamizadores reportaram a perceção de impactos para os alunos, destacando-se os relativos: a) ao conhecimento da filosofia Ubuntu (10 registos), à liderança pelo exemplo (2 registos) e, de forma particular, a cada um dos pilares - empatia (13 registos), autoconhecimento (8 registos), resiliência (6 registos), serviço (4 registos) e autoconfiança (2 registos); b) a efeitos mais gerais (20 registos).

Ainda que não tenha ainda sido possível realizar uma avaliação do seu impacto a médio e longo prazo, a implementação da SU no 1.º Ciclo do Ensino Básico é, de acordo com os resultados obtidos, percecionada pelos educadores, após a sua implementação, como potencialmente

promotora de desenvolvimento de competências humanas (Gonçalves & Alarcão, 2020) intrapessoais e interpessoais nos alunos, concorrendo a exploração dos cinco pilares Ubuntu para os domínios do autoconhecimento, autorregulação, consciência social, relacionamento interpessoal e tomada de decisão responsável, explicitados pela CASEL (2017). Refira-se, ainda, que metade dos dinamizadores reportou impactos ao nível do seu desenvolvimento pessoal e 37,5% a nível profissional, em alinhamento com os benefícios decorrentes da implementação de programas de ASE reportados em Cefai et al. (2018) e apontados por Castillo-Gualda et al. (2017).

A novidade que encerra a SU, pela diferença das suas dinâmicas relativamente às experiências ordinariamente vividas na Escola, é, por sua vez, favoravelmente apreciada pelos alunos, que elegem também as aprendizagens atingidas e as relações que a SU proporcionou como positivas. A “empatia” é a categoria que maior número de menções recebe dos alunos, quer nos testemunhos orais (vinte referências, diretas ou indiretas) quer nos painéis de bordo (explicitada em vinte e cinco registos), assinalando-se complementarmente a mobilização de expressões que implicam uma descentração cognitiva e emocional. A “resiliência”, por sua vez, encontra-se patente em numerosos registos escritos dos alunos, expressa também com alguma frequência como superação de desafios e obstáculos, e com frequência assinalável nos registos efetuados no dia semanal dedicado à exploração desse pilar Ubuntu (doze registos). Existem sempre referências aos restantes 3 pilares – sendo o “serviço” o menos referido –, tanto oralmente como por escrito, parecendo então despoletar nos alunos atitudes mais positivas, em relação a si mesmo e aos outros, como tipificado por Durlak et al. (2011).

As frases-tipo da filosofia Ubuntu e suas variações são recorrentemente mobilizadas pelos alunos, que parecem revelar a sua

apropriação (trinta e seis referências orais) e entendemos merecer menção, pela frequência ocorrida e impacto que parece ter gerado nos alunos, o pilar da “liderança”, tanto com referências diretas a líderes Ubuntu trabalhados na SU bem como as que os associam à capacidade de ajudar e deixar-se ajudar e pelo exemplo/testemunho que significam.

Um dos efeitos da SU nos alunos é a “responsabilidade”, tendo sido referida tanto pelos educadores (com 8 registros), como pelos próprios alunos nas entrevistas (dezasseis registros) e nos painéis de bordo (13 registros). Assim, pela estrutura e organização da SU, os educadores destacam que os alunos se tornaram, durante a SU, mais pontuais e assíduos, e com uma maior consciência para a importância do cumprimento de regras. O cumprimento das regras e a pontualidade também foram destacados pelos alunos. No entanto, os alunos evidenciaram que a responsabilidade de cada um é mais vasta, pois eles tornaram-se responsáveis também pelos outros, independentemente da sua aparência.

De acordo com a CASEL (2017), a tomada de decisão responsável é um dos domínios das competências de aprendizagem social e emocional. Assim, a SU promoveu também nos alunos, apesar de não ser um dos pilares, competências essenciais para o relacionamento interpessoal. A responsabilidade promovida pela SU está em consonância com as atitudes mais positivas em relação a si mesmo e aos outros, que Durlak et al. (2011) também reportaram. A implementação da SU no 1.º CEB permite, ainda, encontrar eco na importância da promoção da responsabilidade, em ambas as abordagens referidas por Rimm-Kaufman & Hulleman (2015), ou seja, tanto ao nível do desenvolvimento individual dos alunos, bem como na modificação do ambiente na sala de aula.

Limitações e estudos futuros

De referir que esta avaliação dos efeitos da SU se encontra baseada nas percepções de dinamizadores e alunos, não tendo havido mecanismos/instrumentos de avaliação das aprendizagens efetivamente realizadas. Acresce a este facto a liberdade concedida às crianças na elaboração dos painéis de bordo, o que determinou alguma variabilidade no seu preenchimento, bem como a forma livre (não-estruturada) com que se recolheram os testemunhos dos dinamizadores. Outra das limitações deste estudo reside no facto de a avaliação por questionário aplicada aos educadores ter sido realizada num único momento no final da Semana, assumindo, desta forma, as suas percepções uma natureza retrospectiva. Tendo em conta a pertinência em medir o impacto, sugere-se, em estudos futuros, a recolha de dados em dois momentos distintos, no início e no fim da SU. Seria igualmente adequado promover a recolha de dados na modalidade de *follow-up* para a maturação dos efeitos da SU.

Em investigações futuras, sugere-se, ainda, a recolha de percepções junto de outros agentes educativos (Coordenador de Estabelecimento, Professor Titular, Encarregados de Educação, Assistentes Operacionais e outros técnicos). Complementarmente, convirá assegurar o *follow-up* da SU com base nas atividades previstas realizar a partir do Clube Ubuntu, de forma a monitorizar continuamente a ALU Júnior e, inclusive, proceder a uma avaliação integral no final de cada ano letivo.

Por fim, parece-nos de enorme pertinência a análise de possíveis contributos e efeitos da filosofia Ubuntu no respeitante à dimensão organizacional da escola, designadamente em aspetos como a gestão do currículo, as abordagens pedagógicas e mesmo a organização do trabalho.

Conclusão

Os resultados obtidos permitem concluir do valor e do mérito do programa. No respeitante ao valor, e apesar de algumas inquietações iniciais por parte dos dinamizadores (que se foram dissipando no decurso da SU), a maioria destes revelou elevados níveis de motivação com a participação (salientando, até, gratidão e o reconhecimento pela oportunidade proporcionada) e efetuou uma apreciação global positiva das dinâmicas da SU, referindo as suas potencialidades enquanto projeto de educação de crianças no domínio socioemocional.

No que diz respeito ao mérito, designadamente na promoção de competências nos cinco pilares estruturantes da ALU Júnior (autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e serviço), o inquérito por questionário evidencia melhorias estatisticamente significativas em todos, sendo o conhecimento da filosofia Ubuntu, o serviço, a empatia e a resiliência as dimensões onde se encontram melhores resultados.

A estruturação da ALU Júnior nas 5 dimensões - Eu, Eu e o Outro, Eu e os Desafios, Eu e o Mundo, Eu Sirvo - para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, evidencia o inegável mérito pedagógico da equipa de formadores na adaptação da linguagem, das estratégias, da simbólica, entre outros elementos, ao nível de ensino dos alunos, sugerindo-se a continuação da formação para os ciclos seguintes.

Nas análises de conteúdo realizadas aos comentários e depoimentos de dinamizadores, bem como às entrevistas a crianças e painéis de bordo por estas elaborados, é possível encontrar efeitos positivos para os alunos em todos os pilares Ubuntu, também aqui com especial destaque para os pilares empatia e conhecimento da filosofia Ubuntu, a que acrescem, também, múltiplas referências positivas ao nível de efeitos mais gerais.

No conjunto dos dados obtidos (quantitativos e qualitativos), os pilares que mais referências merecem são, indiscutivelmente, a empatia e o conhecimento da filosofia Ubuntu, seguidas da liderança, do serviço e da resiliência.

Complementarmente, metade dos dinamizadores reportou impactos ao nível do seu desenvolvimento pessoal e 37,5% a nível profissional.

Importa ainda destacar a convergência das competências promovidas pela ALU Júnior com aquelas previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, assim como dos temas de pensamento humanista que encontram um alinhamento com a Cidadania e Desenvolvimento enquanto área de trabalho transversal a promover no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Referências:

- Alarcão, M., & Fonseca, S. (2020). Empatia. In J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Eds.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 109-130). Instituto Padre António Vieira.
- Castillo-Gualda, R., García, V., Pena, M., Galán, A., & Brackett, M. A. (2017). Resultados preliminares del método RULER en la inteligencia emocional y el compromiso laboral de profesores Españoles. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 15(3), 641-664. <http://dx.doi.org/10.14204/ejrep.43.17068>
- Cefai, C., Bartolo, P., Cavioni, V., & Downes, P. (2018). *Strengthening Social and Emotional Education as a core curricular area across the EU: A review of the international evidence. NESET II report*. Publications Office of the European Union. <https://data.europa.eu/doi/10.2766/664439>

- Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning [CASEL]. (2017). *SEL in action*. <https://www.casel.org/in-action/ConductProblems>
- Durlak, J. A., Weissberg, R. P., Dymnicki, A., Taylor, R. D., & Schellinger, K. (2011). The Impact of Enhancing Students' Social and Emotional Learning: A Meta-Analysis of School-Based Universal Interventions. *Child Development*, 82(1), 405–432.
- Forte, A. C., Santos, J., & Anzini, P. (2020). Resiliência. In J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Eds.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 81–108). Instituto Padre António Vieira.
- Goldberg, J. M., Sklad, M., Elfrink, T. R., Schreurs, K. M. G., Bohlmeijer, E. T., & Clarke, A. M. (2019). Effectiveness of interventions adopting a whole school approach to enhancing social and emotional development: a meta-analysis. *European Journal of Psychology of Education*, 34(4), 755–782. <https://doi.org/10.1007/s10212-018-0406-9>
- Gonçalves, J. L., & Alarcão, M. (Eds.) (2020). *Pilares do Método Ubuntu*. Instituto Padre António Vieira.
- Gonçalves, J. L., Fernandes, J. L., & Rogowski, A. (2020). Autoconhecimento. In J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Eds.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 27–54). Instituto Padre António Vieira.
- Montenegro, E., & Gaspar, J. P. (2020). Serviço. In J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Eds.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 131–151). Instituto Padre António Vieira.
- Oliveira, A. (2020). Autoconfiança. In J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Eds.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 55–80). Instituto Padre António Vieira.
- Rimm-Kaufman, S. E., & Hulleman, C. S. (2015). SEL in elementary school settings: Identifying mechanisms that matter. In J. A. Durlak, C. E. Domitrovich, R. P. Weissberg, & T. P. Gullotta (Eds.), *Handbook of social and emotional learning: Research and practice* (pp. 151–166). The Guilford Press.